



Docentes Lésbicas nas Ciências da Natureza: práxis pedagógica e de pesquisa na Bahia

Lesbian Teachers in Natural Sciences: pedagogical and research praxis in Bahia

Stelina Moreira de Vasconcelos Neta
Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador – Brasil

Ana Paula Miranda Guimarães
Instituto Federal da Bahia (IFBA)
Camaçari-Brasil

Resumo

Os estudos de lésbicas nas Ciências da Natureza ainda são pouco explorados no Brasil, isso decorre da misoginia e do androcentrismo que permeiam historicamente esse campo do conhecimento. Na tentativa de avançar sobre tais estudos este artigo tem por objetivo analisar como a orientação afetiva-sexual de docentes lésbicas na área das Ciências da Natureza se relaciona com a práxis pedagógica e de pesquisa. Para a realização do estudo foi utilizada a abordagem qualitativa, através do método de história de vida em que as narrativas foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas. Para a análise das entrevistas aplicou-se o pressuposto teórico metodológico das pedagogias das pluralidades humanas. Na pesquisa, concluiu-se que existem práticas no ambiente acadêmico que impactam negativamente as docentes como os assédios morais pedagógicos.

Palavras-chave: Lésbicas nas Ciências da Natureza; Práxis Pedagógica e de Pesquisa.

Abstract

Lesbian studies in Natural Sciences are still little explored in Brazil, this is a result of the misogyny and androcentrism that historically permeates this field of knowledge. In an attempt to advance such studies, this article aims to analyze how the affective-sexual orientation of lesbian teachers in the area of Natural Sciences relates to pedagogical and research praxis. To carry out the study, a qualitative approach was used, using the life story method with narratives from lesbian teachers collected through semi-structured interviews. To analyze the interviews, the theoretical methodological assumption of pedagogies of human pluralities was applied. In the research, it was concluded that there are practices in the academic environment that negatively impact teachers, such as pedagogical bullying.

Keywords: Lesbians in Natural Sciences; Pedagogical and Research Praxis.

Introdução

No Brasil, os estudos que interseccionam gêneros e sexualidades, ainda são pouco explorados. Isso decorre da androciência que prevaleceu por muitas décadas, com o objetivo de ocultar as produções das mulheres (Löwy, 2021). Tal fato impactou/impacta na contemporaneidade, visto que muitas mulheres se distanciam dos cursos de ciências da natureza, principalmente o de Física e o de Química, com a crença de que esse espaço não é para elas.

Os papéis sociais atribuídos a binaridade de gênero é um fator que muitas mulheres recorrem no momento da escolha da profissão (Rippon, 2021). Isso porque existem diversas narrativas produzidas socialmente, seja na família e na escola, as quais determinam os lugares que as mulheres devem ocupar (Vasconcelos Neta, 2024). As narrativas produzidas induzem-nas a escolherem as profissões vinculadas aos cuidados e afastam-nas das produções científicas, para que esse espaço permaneça um campo masculino.

Quando as mulheres rompem com a cisheteronormatividade patriarcal e assumem espaços inimagináveis para elas, principalmente no campo científico, ampliam as opressões materializadas através de preconceitos, assédios morais pedagógicos, tentativas de silenciamento e/ou interferências na práxis pedagógica e de pesquisa das docentes. Isso se agrava quando essas mulheres dissidem também das normas de sexualidades.

Na estrutura patriarcal, as lésbicas tendem a sofrer mais opressões, devido à negação do *status quo*, que condicionam as mulheres a almejavam como ideal ontológico a maternidade (Zanello, 2018; Bandinter, 1985, 2011). A divergência impõem às lésbicas diversas violências e exposições, as quais são responsáveis para que muitas não assumam publicamente a sexualidade por medo de retaliações e perseguições, as quais interferem na práxis pedagógica e de pesquisa.

A práxis pedagógica, na perspectiva de Paulo Freire (2004) é um processo dialógico que reúne elementos de reflexão contínua entre a teoria e a prática, com o intuito de transformação da realidade. A proposta do artigo é analisar como a orientação afetiva-sexual de docentes lésbicas na área das Ciências da Natureza se relaciona com a práxis pedagógica e de pesquisa. Visto que, as intersecções de gêneros e sexualidades permeiam

a construção das subjetivações e intervém nas práticas pedagógicas e de pesquisa das docentes lésbicas.

É importante ressaltar que este artigo é oriundo da pesquisa de doutoramento intitulada Docentes lésbicas nas Ciências: trajetórias acadêmicas, práticas pedagógicas e pesquisa, que contou com o financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB.

Gêneros, sexualidades, Ciências e a Teoria das Pedagogias das Pluralidades Humanas

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela ausência de mulheres nas Ciências (Chassot, 2003). O apagamento e a invisibilização das mulheres foram planejados para que a Ciência se consolidasse como um espaço masculino (Schiebinger, 2001). No entanto, muitas mulheres subverteram essa lógica e criaram estratégias para produzirem Ciências (Löwy, 2021). Tal histórico foi importante, pois através dele foi possível identificar que as mulheres sempre produziram Ciências. No entanto, a androciência ainda reflete na contemporaneidade através de preconceitos, sexismos e misoginia que as mulheres ainda enfrentam para entrarem e permanecerem nas carreiras científicas (Schiebinger, 2008).

No século XXI, ainda existem muitas histórias de mulheres cientistas desconhecidas. A literatura traz diversas lacunas, a exemplo de lésbicas nas Ciências da Natureza, fato que aponta a necessidade de aprofundá-las, visto que a intersecção de gêneros, racialidade e sexualidades são intrínsecas e requerem lupas especializadas para analisá-las. Na tentativa de investigar e identificar a existência de tais cientistas, os movimentos feministas, negros e lesbofeministas têm uma tarefa hercúlea. Fato que pode aproximar as mulheres, lésbicas e negras das Ciências e romper com a visão limitada e excludente de Ciência (Löwy, 2021; Vasconcelos Neta, 2024) que historicamente contribuiu para afastá-las.

Desde a década de 1960, tais movimentos debatem gêneros, sexualidades, racialidades e Ciências, com o objetivo de produzirem epistemologias (Schiebinger, 2008) que colaborem com o conhecimento científico na perspectiva de inclusão das diversidades de mulheres¹ (Vasconcelos Neta, 2024).

Para contribuir com o conhecimento foi desenvolvida a teoria pedagogias das pluralidades humanas, que tem como objetivo analisar o impacto das múltiplas opressões nas subjetivações e na construção do “Eu”. A teoria permite também identificar as violências e investigar a desconstrução dos preconceitos da sociedade cisheteronormativa

e a sua desconstrução. As lacunas nas teorias existentes estimularam a elaboração da teoria das pedagogias das pluralidades humanas que tem entre seus objetivos colaborar com a identificação das ressignificações e transformações dos discursos cisheteronormagenerativos² para a construção de narrativas plurais (Vasconcelos Neta, 2024).

A teoria das pedagogias das pluralidades humanas³ versa sobre os constructos sociais ensinados na infância com o intuito de induzir a produção de narrativas de Si, pautadas na superioridade dos homens e na inferioridade intelectual das mulheres (Vasconcelos Neta, 2024). Dessa forma, as encruzilhadas de gêneros e sexualidades compreendem a lesbianidade como uma identidade política que produz resistências e dissindências contra o patriarcado.

As existências de lésbicas e de mulheres nesse contexto propõem uma fissura na estrutura patriarcal, ao propor a sua destruição e a construção de outra sociedade sem tais opressões. Dessa forma, a junção das categorias gêneros, sexualidades, racialidades e Ciências na teoria das pedagogias das pluralidades humanas favorece também a desconstrução da androciência e posiciona as mulheres e lésbicas como sujeitas produtoras de múltiplos conhecimentos.

A desconstrução da androciência e das narrativas de Si na teoria perpassam pelos seguintes processos: consciência das opressões promovidas pelo patriarcado; identificação das violências; ressignificação dos estereótipos de gêneros e as narrativas que impõem crenças, valores que limitam os espaços das mulheres; manifestação do “Eu” a partir de outras narrativas de posituação e reelaboração de Si e por último a politização, exposta no engajamento contra as opressões (Vasconcelos Neta, 2024).

Os processos desenvolvidos na teoria não são cíclicos e podem auxiliar para vislumbrar a fase em que a pessoa se encontra. Por fim, as intersecções de gêneros e sexualidades neste artigo, são relevantes para analisar como as práticas pedagógicas e de pesquisa de docentes lésbicas nas Ciências da Natureza são influenciadas pela estrutura patriarcal.

Caminhos metodológicos percorridos pela pesquisa

As docentes lésbicas participantes da pesquisa possuem formação em Ciências da Natureza, especificamente nos cursos de Física, Química e Ciências Biológicas e atuam em instituições de ensino superior públicas no estado da Bahia, tanto federais quanto

estaduais. Para a realização do estudo, o delineamento metodológico escolhido foi a abordagem qualitativa e o método de história de vida. Tais preferências referem-se às possibilidades de interpretações subjetivas que essa/e permitem. Sendo assim, a pesquisa foi dividida nas seguintes etapas: (1) submissão do projeto no Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, (2) elaboração do roteiro, (3) validação do roteiro de entrevista por pares com o perfil da pesquisa, (4) levantamento do quantitativo de docentes, por meio de consulta aos sites institucionais e (5) realização das entrevistas com docentes lésbicas.

A elaboração do roteiro de entrevista iniciou no componente curricular de entrevistas como pesquisa: teoria, métodos e técnicas. No primeiro momento aconteceu a validação com as/os estudantes inscritas/os neste componente. Em seguida foram feitas as validações: a primeira para testar a viabilidade do questionário aconteceu com uma docente lésbica de uma universidade pública no estado do Mato Grosso e por último com a orientadora para verificar a postura no momento da entrevista. A validação do roteiro de entrevista possibilitou averiguar se as questões atendiam o objetivo da tese.

Na etapa de levantamento do quantitativo de docentes recorreu-se a técnica de *snowball* (bola de neve), para identificá-las. Sendo necessário subdividi-la em fases como: contato com o movimento lesbofeminista da Bahia e a rede nacional de pesquisadoras nas áreas de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática, conhecidas como STEM (Science, Technology, Engineering and Mathematics). Em seguida foi realizado o envio de correspondências eletrônicas para docentes da pós-graduação atuantes em instituições que oferecem os cursos supramencionados.

Na terceira fase, foram identificadas três docentes e na última fase foi enviado o link do formulário on-line para os departamentos e colegiados dos cursos de Física, Química e Ciências Biológicas das instituições que ofertam os cursos. Nessa fase, uma docente preencheu o formulário de participação na pesquisa. Foram localizadas cinco docentes e três aceitaram participar da pesquisa e receberam nomes fictícios inspirados em ativistas lésbicas com o intuito de manter o sigilo e a ética na pesquisa. As entrevistas foram analisadas através do pressuposto metodológico das pedagogias das pluralidades humanas que tem como categorias: (1) consciência das violências; (2) identificação das opressões; (3) resignificação e ruptura com os estereótipos de gêneros impostos pelo patriarcado; (4) manifestação do “Eu” com a reconstrução das narrativas e (5) politização exposta através dos enfrentamentos e lutas contra a cisheteronormageneridades, e

identificação dos processos que as docentes encontram. Por fim, a identificação dos processos que a docente se encontra, neste artigo, foram analisadas apenas as narrativas de Rosely Roth, foram às únicas que atendiam ao objetivo da pesquisa, as demais docentes não relataram interferências na práxis pedagógica e de pesquisa proposta.

Análise e discussão dos dados: opressões de gêneros e sexualidades, o impacto do patriarcado na práxis pedagógica e de pesquisa

As Instituições de Ensino Superior - IES no Brasil reproduzem diversas violências de gêneros e sexualidades. Em diversas situações essas violências são sutis e mascaradas pelo discurso de inclusão das minorias sociais e de uma IES plural e diversa (Vasconcelos Neta, 2024). Tais discursos são esvaziados de ações, visto que, historicamente, as IES são conhecidas como espaços que amenizam as punições contra docentes que são acusados de promoverem os assédios morais pedagógicos (Hirabahasi, 2023).

O assédio moral pedagógico caracteriza-se pela submissão da vítima a situações constantes de humilhação e constrangimento (Freitas; Pino, 2023), como aconteceu com a docente Rosely Roth:

Eu sou uma pessoa que tenho expertise na área de ensino, os meus colegas de departamento não tem, mas quando eu participo, as minhas sugestões e falas não são ouvidas ou são interrompidas, para dizerem a mesma coisa que eu estava dizendo. Então, eu fico pensando, se eu fosse um homem ou se eu fosse uma mulher no padrão que eles julgam que é mais interessante, talvez eles me ouvissem. Quando vai um colega da área de ensino e diz as mesmas coisas que eu, eles escutam e acolhem. Eu continuo participando porque entendo a importância de estar ali (Vasconcelos Neta, 2024, p. 137).

A qualificação profissional de Rosely Roth não é garantia de respeito intelectual e não a legitima como produtora de conhecimento (Vasconcelos Neta, 2024), pelo contrário, a narrativa expõe a misoginia, a lesbofobia e o machismo da androciência. No patriarcado, o *manterrupting*, ou seja, a interrupção da fala é utilizada como mecanismo de intimidação e uma tentativa de silenciamento das mulheres, com o intuito de afugentá-las e reafirmar as Ciências da Natureza como um espaço masculino. Outro objetivo é afastar ou reduzir a participação das mulheres nas reuniões em que são tomadas as decisões dos cursos.

O assédio moral pedagógico provoca consequências diversas e gera danos na vida das vítimas, repercutindo de forma negativa (Freitas; Pino, 2023) no desenvolvimento laboral, neste caso, na práxis pedagógica e de pesquisa. Na história de mulheres nas

Ciências é notório que a carreira científica é permeada por agressões intelectuais, intolerância e constante desconfiança (Löwy, 2021). Tais agressões são uma das causas que podem reduzir a Qualidade de Vida no Trabalho – QVT (Oliveira; Sousa, 2018) e ocasionar o desenvolvimento das síndromes de *burnout* (Dalcin; Carlotto, 2017) e da impostora (Brites, 2020).

A síndrome de *burnout* se constitui como um conjunto de sintomas relacionados à exaustão emocional (Massa, *et al.*, 2016). Um estudo realizado em Salvador aponta que 41% das/dos docentes a síndrome de *burnout* se apresenta como uma das causas para o afastamento laboral (Silva *et. al.*, 2021). De acordo com os estudos, a situação contribui para que as docentes se distanciem das pessoas no ambiente de trabalho e desenvolvam atitudes e pensamentos negativos sobre si.

No entanto, a síndrome da impostora tem raízes mais profundas, por ser oriunda da produção de discursividades da estrutura patriarcal. Desde a infância, as mulheres ouvem que são inferiores aos homens para ocupar algumas áreas do conhecimento. Então, quando elas conquistam determinados espaços, começam a se autossabotarem e constroem internamente a narrativa de que não deveriam ocupá-lo. Dessa forma, lidam com uma percepção negativa de si, que promove discursos de incompetência, incapacidade e demérito (Brites, 2020). A produção negativa de si, interfere na práxis pedagógica e de pesquisa, por desenvolver a insegurança na realização do trabalho.

De acordo com a literatura especializada a QVT está diretamente associada à motivação (Guimarães e Souza Neto, 2021), ou seja, um dos elementos que favorecem a execução das funções com melhores resultados e contribui para a estabilidade da autoestima (Silva; Furtado, 2015). No entanto, o inverso também ocorre, a falta de acolhimento e as violências no ambiente de trabalho reduzem a QVT, aumenta a insatisfação, gera insegurança e desmotivação (Oliveira; Sousa, 2018).

A desmotivação na carreira docente interfere na práxis pedagógica e de pesquisa, contribuindo para descreditar em seu potencial, se frustrarem com o magistério e limitar a contribuição social de docentes (Pereira *et. al.*, 2020). Tal desmotivação pode ocasionar a ausência de investimentos na carreira, como: formação continuada, práxis pedagógica inovadora e abandono ou redução de tempo para a pesquisa. Isso porque as docentes necessitam cuidar da saúde física e mental. O desestímulo e a frustração com a

carreira também pode contribuir para o desenvolvimento da depressão e crises de ansiedade.

A profissão docente é árdua e carregada de riscos psicossociais que são fatores próprios da organização acadêmica (Pereira *et. al.*, 2020) e isso é potencializado em ambientes não acolhedores. Nesse caso, a intersecção de gênero e sexualidade agrava a situação, pois as lésbicas, desde cedo precisam lidar com a autocobrança gerada pela dissidência e canalizar as expectativas sociais na vida profissional (Vasconcelos Neta, 2024).

A ruptura com a cisheteronormageneridade impõem diversos desafios, dentre eles, destacam-se a cobrança profissional, como mecanismo de amenização dos preconceitos com a orientação afetiva-sexual. A “aceitação” de lésbica, gay, travesti, transexual, queer, intersexo, assexual, pansexual e não-binário - LGBTQIAPN+ na sociedade acontece através do estabelecimento de critérios como: ser reservada na vida pessoal e no que se refere ao mundo do trabalho exige desenvolvê-lo com maestria ou excelência, pois qualquer “falha”, a orientação afetiva-sexual será apontada como um fator discriminatório.

Pesquisas apontam que quatro em cada dez LGBTQIAPN+ relatam ter sofrido homolesbofobia no ambiente de trabalho (Tokarnia, 2022). As violências acontecem de diversas formas, sejam com piadas lesbofóbicas, perseguições, comentários misóginos. Tais violências são apontadas como uma das causas para que algumas lésbicas não revelem publicamente a orientação afetiva-sexual (Rodrigues e Tadeu, 2021). Diferente de Rosely Roth, que anuncia publicamente.

Então toda a oportunidade que eu tiver de dizer que eu sou uma mulher sapatão, eu vou dizer. Porque eu acho que isso é uma maneira das pessoas entenderem que eu não tenho nenhuma questão com isso (Vasconcelos Neta, 2024, p. 137).

A manifestação da orientação afetiva-sexual é uma estratégia utilizada pela docente para reduzir as piadas lesbofóbicas. Tal estratégia, evita as especulações sobre sua sexualidade. No entanto, pode comprometer os intercâmbios de interdisciplinaridade e pesquisa com outras colegas, uma vez que as lésbicas ainda esbarram no preconceito das colegas mulheres, uma vez que muitas receiam ter sua sexualidade questionada e/ou confundida e por isso se afastam (Vasconcelos Neta, 2024).

As discursividades de promiscuidade produzidas contra a comunidade LGBTQIAPN+, acaba afastando as mulheres com medo de serem assediadas pelas lésbicas

(Vasconcelos Neta, 2024). Dessa forma, ainda são poucas as heteroaliadas que enfrentam as opressões e se aliam às lésbicas com o intuito de produzir conhecimentos e lutar por uma academia acolhedora, respeitosa e humanizada. A limitação de colegas mulheres dispostas a afrontar o patriarcado contribui para o isolamento das lésbicas.

O isolamento no ambiente de trabalho pode colaborar para que muitas lésbicas invistam em estudos e pesquisas que se cruzem com as suas experiências pessoais, como aconteceu com Rosely Roth.

No começo eu não tinha consciência que a sexualidade interferia na práxis pedagógica, mas hoje percebo que ela é determinante pelo menos para escolher ou determinar meus interesses de pesquisa ou de alguns caminhos que eu possa tomar ao longo da trajetória. Um dos exemplos foi ter escolhido estudar no doutorado sobre história de mulheres nas ciências e estudos feministas são um pouco por causa da minha sexualidade (Vasconcelos Neta, 2024, p. 147).

Para Rosely Roth o desejo em pesquisar temáticas que lhe atravessam aconteceu no doutoramento, instante em que escolheu investigar a história de mulheres nas ciências visando contribuir com o campo de estudos feministas (Vasconcelos Neta, 2024). As lésbicas ocupam as periferias de gêneros e são posicionadas no “não lugar” nos movimentos feministas e LGBTQIAPN+. Na academia ainda são poucas as pesquisas que abordam as vivências lésbicas e isso dificulta a organização das lutas contra as opressões. Dessa forma, as pesquisas e estudos em gêneros e sexualidades são importantes para construir e fortalecer os quilombos afetivos⁴ entre as lésbicas. No entanto, as lésbicas que se propõem a fazê-lo são acusadas de identitarismo.

Nas IES, as pesquisas identitárias são desprezadas nas áreas das Ciências da Natureza por não serem comuns nesse campo de estudo, em razão disso são comuns pesquisas experimentais. Fugir dos padrões de gêneros, sexualidades e escolhas de pesquisas podem potencializar as opressões contra as cientistas lésbicas. Nos últimos anos com o avanço do conservadorismo Rosely Roth percebeu diversas mudanças e ataques a sua práxis pedagógica:

Eu construo o castelo na areia faço minha parte na aula de 18h40min às 20h20min, faço debates de gênero nas ciências e depois vem um professor conservador, bolsonarista e desfaz tudo que eu fiz. Sempre utilizo uma abordagem progressista, mas a presença de docentes conservadores é inerente às instituições grandes. (Vasconcelos Neta, 2024, p. 150).

A práxis pedagógica de uma docente lésbica pode ser permeada por diversas questões, como: as pautas debatidas em sala de aula, as contextualizações dos conteúdos e as metodologias utilizadas (Vasconcelos Neta, 2024). Os debates propostos por Rosely Roth são conscientes e permeados por suas experiências, vivências e interesses, que podem ser acusadas de ideologia de gênero. O pânico moral foi construído, nas décadas de 1990 e teve seu auge no governo de Jair Messias Bolsonaro, com o aumento das discursividades que “demonizam” os estudos de gêneros e sexualidades (Vasconcelos Neta e Guimarães, 2024). Neste período, as aulas de Rosely Roth foram alvos de colegas que buscavam desconstruir as narrativas na tentativa de defender o conservadorismo e a manutenção dos preconceitos da sociedade cisheteronormativa (Vasconcelos Neta, 2024).

A fiscalização da práxis pedagógica apresenta-se como uma tentativa de amendontrá-la e, no contexto social de pânico moral, encontraram ressonância nos preconceitos da sociedade cisheteronormativa e cristã (Vasconcelos Neta, 2024). Nesse período, as práxis de Rosely Roth foram fiscalizadas e favoreceram para disputas de territórios entre progressistas e ultraconservadores.

As tentativas de desconstrução das aulas de Rosely Roth apresentam-se como mais uma tentativa de silenciamento para arrefecer os debates de gêneros e sexualidades em sala de aula. A resistência e o enfrentamento aos colegas conservadores foram/são importantes para combater os preconceitos dentro da academia. Ao mesmo tempo em que estabelece outras discursividades pautadas nas diversidades humanas e no respeito. Tais debates contribuem para um ensino crítico e contextualizado com a realidade social.

O confronto que Rosely faz na IES é essencial e pode colaborar com a formação de profissionais sensíveis, comprometidos com a defesa das pluralidades humanas e defensores de uma escola humanizada e respeitosa com as diversidades. Dessa forma, as posturas de Rosely Roth revelam todos os processos da teoria das pedagogias das pluralidades humanas, já que apresenta consciência e identificações das opressões. É perceptível nas narrativas a resignificação das violências, transformando-as em manifestações do seu “Eu” que ocorrem com o enfrentamento interno e externo e a politização através do engajamento na luta contra elas.

Considerações finais

Nas narrativas de Rosely Roth é possível observar que em pleno século XXI as IES permanecem como um ambiente hostil para as mulheres e para as lésbicas. As violências

perpetuadas nesses ambientes nos últimos anos encontraram ressonância no avanço do conservadorismo no Brasil. Dessa forma, suas narrativas são essenciais para denunciar as opressões e os assédios morais pedagógicos a que as mulheres são submetidas, uma vez que não estão/são restritas ao estado da Bahia.

As narrativas de Rosely Roth também expõem as dores da falta de acolhimento no ambiente acadêmico que podem promover diversos adoecimentos das profissionais e afastá-las das atividades para cuidar da saúde. O alerta e lutas constantes também favorecem o esgotamento mental das docentes que precisam lidar também com as cobranças acadêmicas a exemplo da produtividade. Outro aspecto observado é a necessidade de um ativismo permanente que compromete a saúde emocional (Vasconcelos Neta, 2024). O ativismo permanente favorece para que as lésbicas não consigam descansar no ambiente de trabalho, devido à vigilância e o medo das violências (Roasio, 2022).

As teias da estrutura patriarcal aprisionam diversas docentes e nesse contexto, acreditar em si e romper com a síndrome da impostora é uma tarefa hercúlea que exige cuidados terapêuticos para desenvolver a autoconfiança e produzir imagens positivadas de si. Então, é revolucionário as leituras que Rosely Roth faz sobre a realidade e o pressuposto teórico metodológico das pedagogias das pluralidades humanas se apresenta como uma ferramenta inovadora para analisá-las.

A teoria das pedagogias das pluralidades humanas neste contexto favorece a visualização dos processos vivenciados pela Rosely Roth e permite elaborar diversas análises para compreender o contexto social que as docentes lésbicas enfrentam nas Ciências da Natureza. Sendo assim, não é possível romantizar os obstáculos enfrentados por Rosely Roth e diversas mulheres que escolheram tais Ciências, pelo contrário, é necessário denunciar tais práticas e lutar para que as IES tomem medidas punitivas para reduzi-las.

Observa-se ao longo do estudo que as intersecções entre gêneros e sexualidades interferem na práxis pedagógica e de pesquisa e são responsáveis por potencializar as violências no ambiente acadêmico, exigindo assim, que as docentes lésbicas criem estratégias de sobrevivência nesses espaços e desviem o foco da pesquisa e da práxis pedagógica. Dessa maneira, o trabalho das docentes lésbicas fica comprometido pelos códigos estabelecidos pela cisheteronormageneridade e para manterem-se na academia

precisam reexistir. Por fim, a luta contra as opressões precisam ser unificadas dentro dos movimentos lésbicos e feministas, visto que a sua fragmentação fortalece o patriarcado e deixam as mulheridades vulneráveis.

Referências

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BRITES, Rafa. **Síndrome da impostora: por que nunca nos achamos que não somos boas o suficiente?** São Paulo: Planeta, 2020.

CHASSOT, Attico Inácio. **A Ciência é masculina? É sim, senhora!** São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. (Coleção Aldus 16).

DALCIN, Larissa; CARLOTTO. Síndrome de burnout em professores no Brasil: considerações para uma agenda de pesquisa. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 1-26, Maio/Ago., 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000200013. Acesso em: 14 dez. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREITAS, Acimarney Correia Silva; PINO, José Claudio Del. Assédio moral pedagógico como expressão do autoritarismo em sala de aula: percepções de estudantes de engenharia. **Periódicos da Universidade Federal de Santa Maria**. V. 48, 2023 e 23p. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/68518/61148>. Acesso em: 03 jan. 2025.

HIRABAHASI, Gabriel. Universidades amenizam punições contra professores acusados por assédio sexual e permitem reindicações. **Jornal Cable News Network – CNN Brasil**. Brasília, Jul., 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/universidades-amenizam-punicoes-contraprofessores-acusados-por-assedio-sexual-e-permitem-reincide>. Acesso em: 03 jan. 2025.

LÖWY, Ilana. Por que tão devagar? Os obstáculos para a igualdade dos sexos na pesquisa científica. In: GROSSI, Miriam Pillar; REA, Caterina Alessandra (orgs.). **Teoria feminista e produção do conhecimento situado: ciências humanas, exatas e engenharias**. Salvador (BA): Devires, 2020.

OLIVEIRA, Gleyson Soares de; SOUSA, Hercilio de Medeiros. Qualidade de vida no trabalho: fatores que influenciam a produtividade nas organizações. **Revista Campo do Saber**, v. 11, n. 2, Jul/Dez, 2018.

PEREIRA, Ana Carolina Lemos; SOUZA, Heloísa Aparecida; LUCCA, Sérgio Roberto; IGUTIB, Aparecida Mari. Fatores de riscos psicossociais no trabalho: limitações para uma abordagem integral da saúde mental relacionada ao trabalho. **Revista Brasileira de Saúde Ocupacional**, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbso/a/Yj4VrBQcQ3tgQgHcnnGkC6F/?format=pdf>. Acesso em: 03 jan. 2025.

RIPPON, Gina. **Gêneros e os nossos cérebros**: como a neurociência acabou com o mito de um cérebro feminino ou masculino. Tradução Ryta Vinagre. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2021.

ROASIO, Joana. Ativistas têm saúde mental afetada; como lidar com as dores da luta? **Viva bem UOL**, 2022. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2022/07/08/as-dores-do-ativismo-as-lutas-de-quem-luta-por-uma>. Acesso em: 02 jan. 2025.

RODRIGUES, Jorge Fernando; TADEU, Vinícius. LGBTQIAPN+: 54% não sentem segurança no ambiente de trabalho. **Jornal Cable News Network – CNN Brasil**. São Paulo, 2021.

Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/lgbtqi-54-nao-sentem-seguranca-no-ambiente-de-trabalho/>. Acess em: 28 dez. 2024.

SCHIEBINGER, Londa. **Has Feminism Changed Science?** Havard: Havard University Press, 2001.

SCHIEBINGER, Londa. **Mais mulheres na ciência**: questões de conhecimento. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, v.15, supl., p.269-281, 2008.

SILVA, Ana Carolina C. J.; FURTADO, Juliana H.; ZANINI, Roselaine R. Um estudo sobre a qualidade de vida no trabalho (QVT) e os fatores associados. **Iberoamerican Journal of Industrial Engineering**, v. 7, n. 14, p. 182-200, 2015. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/IJIE/article/view/3669>. Acesso em: 10 dez. 2024.

SILVA, Laís Peres, et al. Prevalência da síndrome de burnout e fatores associados em professores universitários atuantes na cidade de Salvador, estado da Bahia. **Revista Brasileira de Medicina no trabalho**, v. 19, 2021. Disponível em:

<https://www.rbmt.org.br/details/1595/pt-BR/prevalencia-da-sindrome-de-burnout-e-fatores-associados-em-professores-universitarios-atuantes-na-cidade-de-salvador--estado-da-bahia>. Acesso: 02 jan. 2025.

VASCONCELOS NETA, Stelina Moreira de. **Docentes lésbicas nas Ciências**: trajetórias acadêmicas, práxis pedagógica e pesquisa. 2024. 191 f. Tese (Doutorado em Ensino) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

VASCONCELOS NETA, Stelina Moreira de; GUIMARÃES, Ana Paula Miranda. Despatriarcalização do currículo e as abordagens de gêneros e sexualidades: relato de

experiência em um espaço educativo do Nordeste. **Revista Ensino, Saúde e Ambiente.** Rio de Janeiro, v 17, 2024.

TOKARNIA, Mariana. Quatro em cada 10 LGBTQIAP+ já sofreram discriminação no trabalho. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: [Quatro em cada dez LGBTQIAP+ já sofreram discriminação no trabalho | Agência Brasil](#). Acesso em: 28 dez. 2024.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos:** cultura e processos de subjetivação. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

Notas

Termo que demarca os diferentes modos pelos quais as experiências sociais, pessoais são produzidas, relacionando-as com as vivências culturais e históricas, necessitando pluralizá-las, interseccionalizá-las e politizá-las (Nascimento, 2021).

² Neologismo criado com a junção das palavras cisgênero, heterossexualidade, normatividade e gênero com o intuito de demarcar as violências que estas categorias imputam na construção das subjetivações das lésbicas (Vasconcelos Neta, 2024).

³ Processo que perpassa pela identificação e desconstrução dos preconceitos da sociedade cisheteronormativa, visando a liberdade de construir as subjetivações na perspectiva da fluidez que constitui o ser, o existir como processos transitórios que acontecem no decorrer da vida (Vasconcelos Neta, 2024).

⁴ São espaços de acolhimentos que reforçam as subjetivações, emocionalidades e permitem a construção de estratégias discursivas para combater as pedagogias das cisheteronormageneridade. Nesses espaços as lésbicas podem elaborar estratégias de luta contra as lesbofobias e as opressões da sociedade e combater as pessoas reacionárias que defendem a estrutura de exclusão (Vasconcelos Neta, 2024).

Sobre as autoras

Stelina Moreira de Vasconcelos Neta.

Parda que se autodeclarada politicamente como negra, baiana, doutora em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana, mestra em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, instituição em que se graduou em Pedagogia. É pesquisadora em educação, currículo, didática, gêneros, sexualidades, interseccionalidades, feminismos, etnicidade (com pesquisa na Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha, município de Cabralia - Bahia) e lesbianidades. Ativista lésbica vinculada a Rede Nacional de Lésbicas e Bissexuais? Rede LesBi. É integrante do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidade, Gênero, Raça e Sexualidade da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; membro do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Cultura, Gêneros e Sexualidades? NuCus, na linha de Lesbianidade, Interseccionalidades e Femininos da Universidade Federal da Bahia e do Grupo de Trabalho em Gênero da Associação Nacional de História e do grupo de Estudos em Gênero e Sexualidades da Universidade Estadual de Feira de Santana. E-mail: stelinasvasconcelos3@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9833-3388>.

Ana Paula Miranda Guimarães

Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)/campus Camaçari. Possui Mestrado e Doutorado em Genética e Biologia Molecular pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela mesma Universidade. É professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana (UFBA/UEFS). Possui experiência nas áreas de Genética Humana e Médica, Biologia Molecular. Além disso, tem experiência em Ensino de Ciências e Biologia, área que atualmente possui interesse e realiza pesquisa. É integrante do grupo de pesquisa em História, Filosofia e Ensino de Ciências Biológicas vinculado ao Laboratório de Ensino, Filosofia e História da Biologia (LEFHBio-UFBA), é uma das líderes do Laboratório de Metodologia e Pesquisa Mista em Ensino de Ciências (LAMPMEC) e por fim, é líder do grupo de pesquisa em Ensino de Ciências e Inovações Educacionais (ENCINE) vinculado ao Núcleo de Pesquisa em ensino de ciências (NUPEC) do IFBA. E-mail: apmguima@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7409-7368>.

Recebido em: 02/06/2024

Aceito para publicação em: 20/06/2025